

Subjetividades em redes: a falha como constitutiva de sentidos

Márcia Fonseca de Amorim

Amanda Batista da Silva

Introdução

A análise de discurso materialista, que tem como precursor Michel Pêcheux a partir da obra *Análise automática de discurso* (1969), ao fazer interface com os estudos psicanalíticos, traz uma abordagem teórica centrada na relação sujeito/ideologia/inconsciente. O sujeito, nessa perspectiva, é considerado não como uno, completo e dono do seu dizer, mas clivado, incompleto, dividido, suscetível à falha e interpelado por uma dada ideologia. Para Lacan, o inconsciente se estrutura como linguagem, o que equivale a dizer que sem ela o sujeito não se significa e não significa o mundo em que vive. A opacidade da linguagem se constrói na relação que se estabelece entre sujeito, ideologia e inconsciente, em que a falha e a incompletude movimentam os dizeres e os efeitos de sentido

promovidos por eles. Visa-se, por meio do entrelaçamento entre os campos de investigação propostos como aporte teórico, apresentar uma reflexão sobre a constituição do sujeito pelo inconsciente e pela ideologia que, atravessado pela história, produzirá sentidos materializados no discurso. Para tanto, é preciso explorar um pouco mais a proposta teórica que embasa este estudo.

Análise do discurso como entremeio

O campo heterogêneo do discurso se estabelece a partir de três rupturas teórico-filosóficas que estabelecem novos campos de saber: a) o marxismo e a teoria da ideologia, observando a materialidade e a opacidade histórica, b) a linguística em sua materialidade e opacidade da linguagem e, c) a psicanálise e a teoria do sujeito. A análise do discurso recorta aspectos pontuais dessas áreas (o real da história, o real da língua e o real do inconsciente) e os articula, relacionando-os e integrando-os a outras categorias teóricas, em uma nova prática científica que tem como objeto de estudo o discurso. Ou seja, trata-se de perspectiva que trabalha língua/sujeito/história para trabalhar a ideologia por meio de um gesto de interpretação da materialidade discursiva.

Por seu caráter multifacetado, a análise do discurso, de acordo com Orlandi (2002) ocupa uma posição de entremeio no campo das ciências. Ao refletir sobre a transparência da linguagem, a análise do discurso interpela a linguística questionando a própria historicidade dessa ciência e propõe questões às ciências sociais sobre os próprios fundamentos epistemológicos dela.

Longe de querer atravessar o texto, buscando encontrar nele um sentido único, a análise do discurso materialista considera-o

em sua opacidade significativa, ou seja, a sua múltipla possibilidade de significar. É ilusão acreditar que a linguagem simplesmente “informa”. Como diz Orlandi (2015, p. 19-20), “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar”. Observar o discurso é observar a constituição dos sujeitos e dos sentidos afetados pela língua e pela história.

O discurso é o lugar particular em que a relação língua e ideologia é materializada. Enquanto efeito de sentido entre sujeitos, o discurso precisa ser compreendido em sua dimensão simbólica e política (Orlandi, 2005a). Entendê-lo dessa forma é pensar a linguagem em relação à constituição dos sujeitos e à produção de sentidos. Ao mesmo tempo em que o discurso se repete, ele também possibilita a renovação, a contingência, e é por meio dele que relações sociais e os conflitos que delas emanam podem ser materializados nas práticas discursivas.

De acordo com Orlandi (2005a), o sentido é sempre uma palavra por outra, é a produção do já dito, do já dado, efeito de evidência. Ele existe nas relações de metáfora (transferência) e ocorre nas formações discursivas. Importante ressaltar que sem a história não há sentido, é a inscrição da história na língua que faz com que esta signifique (Orlandi, 1994). O acontecimento discursivo é ponto de encontro do que é dito com a memória do dizer, pois a memória retoma os sentidos estabilizados pela história.

Segundo Pêcheux (2014, p. 146), “[...] o caráter material do sentido – marcado por uma evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo com dominante’ das formações ideológicas”. O sentido do que é dito em quaisquer circunstâncias, para o autor, não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo discursivo, ou seja, é a posição que

o sujeito ocupa na prática discursiva (em referência às formações ideológicas) que determina os sentidos possíveis para o que é dito.

E para poder significar, aquilo que é falado antes age sobre as palavras, pois a memória é que possibilita a significação. O conceito de interdiscurso, também definido como memória discursiva, traz sentidos até nós, possibilita-nos significar os dizeres inscritos em diferentes práticas discursivas. Assim, o interdiscurso está articulado ao complexo das formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar. Esse já-dito ganhará sentido na materialização das formações ideológicas pelas formações discursivas. Essa última se refere ao que o sujeito pode e deve dizer em uma dada situação, em uma conjuntura dada. Ou seja, nem todas as coisas podem ser ditas por quaisquer pessoas em quaisquer circunstâncias – o dizer é controlado, ele segue as regras instituídas socialmente.

Enquanto o interdiscurso refere-se a essa memória discursiva, a sentidos possíveis já-ditos, o intradiscurso é o fio do discurso, que permite uma linearidade ao interdiscurso. Pêcheux (2014) considera esse par primordial para entender a instabilidade das formações discursivas, pois é na relação entre interdiscurso e intradiscurso que as práticas discursivas se efetivam e que os sujeitos produzem e reconhecem sentidos na e da história.

O pré-consciente caracteriza a retomada de representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente. (PÊCHEUX, 2014, p. 163)

O vínculo entre as duas representações verbais (a retomada e o novo) é reestabelecido na discursividade. Ele procede da identificação simbólica, representado por meio das leis da língua. O discurso é heterogêneo, não se fecha em si mesmo e é duplamente determinado: pelas formações imaginárias que remetem a formações definidas e pela relativa autonomia da língua. Para complementar a reflexão sobre os fundamentos da análise do discurso, vamos explorar um pouco mais algumas categorias e estabelecer uma relação entre discurso, ideologia e formações imaginárias.

Discurso e ideologia: a relação com o imaginário

Não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem e essa relação só ocorre pela ideologia, ou seja, a relação direta é um efeito do imaginário atuando sob a significação. “A ideologia é vista como imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência” (Orlandi, 1994, p. 56), não sendo produzida de maneira regular e homogênea, e a luta ideológica de classes é o ponto de encontro de dois mundos distintos e preexistentes cada um com suas práticas e modos de agir no mundo.

A ideologia, nessa perspectiva, não é “x”, mas o mecanismo de produzir “x”. Segundo Orlandi (1994), diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar. A significação é um movimento contínuo determinado pela materialidade da língua e da história. A interpretação, de acordo com a autora, é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais, eternas. É a ideologia que produz o efeito de unidade, sustentando-se sobre o já-dito, admitidos como “naturais” (Orlandi, 2005b).

A ideologia, de acordo com Orlandi (1994), naturaliza o que é produzido pela história; há simulação em que são construídas transparências para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem como evidências empíricas. A forma material é histórica, perpassada pela opacidade e pelo equívoco. Se se tira a história, a palavra vira imagem pura (perde significado). A análise do discurso compreende a história como fatos que reclamam sentidos, cuja materialidade só é possível de ser apreendida no discurso e compreendê-lo é explicitar o modo como o processo discursivo produz sentidos.

Os aspectos sociais, para a análise do discurso, moldam as e são moldados pelas práticas discursivas, transformam-se e transformam-nas de acordo com as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais estabelecidas. Tais relações intervêm nas condições de produção dos discursos e dizem respeito à posição assumida pelos participantes no curso de uma dada interação. As formações imaginárias designam os lugares que os sujeitos atribuem a si próprios e aos outros, a imagem que eles fazem de lugar que ocupam na prática discursiva e do lugar ocupado pelos outros. Nesse espaço, intervêm a ideologia e os efeitos imaginários. (Orlandi, 1994)

Para Pêcheux (2014, p. 124), “o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem ser confundidos, no interior como processo do Significante na interpelação e na identificação”. Nesse processo se realiza as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção. E para entender como o imaginário atua no processo de significação, é necessário que se compreenda a noção de sujeito na análise do discurso constituído a partir da influência dos estudos psicanalíticos.

Sujeito na análise do discurso e na psicanálise

Nos trabalhos de Pêcheux, podemos observar as referências diretas e indiretas aos estudos de Lacan. Aqui cabe lembrar a afirmativa que autor resgata de Lacan: “só há causa daquilo que falha”. A falha perpassa os estudos Pêcheux, que se vê obrigado a questionar a relação estabelecida entre a teoria do discurso e a análise. As categorias ego e forma-sujeito são revisitadas pelo autor, assim como a relação entre inconsciente e ideologia. Tendo em vista que a ideologia é constitutiva da linguagem, o sujeito só se constitui como ser no mundo na e pela linguagem e, por meio de suas ações no mundo, materializa ideologias. O que falha, segundo Pêcheux (2014, p. 277),

é essa causa na medida em que que ela se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/non-sens do sujeito dividido. (grifos do autor)

Para a Análise do discurso, ideologia e inconsciente encontram-se materialmente ligados. A noção de sujeito, defendida pelo autor, está diretamente relacionada à perspectiva da Psicanálise, sujeito inconsciente, clivado, descentrado, e dos estudos althusserianos, sujeito assujeitado a uma ideologia, constituído pela linguagem. O sujeito é efeito da linguagem, constitui-se como tal na e pela linguagem.

O sentido, conforme defende Pêcheux (2014, p. 277), é produzido no *non-sens* “pelo deslizamento sem origem do significante[...]”. Mas, o autor ressalta que “não há rituais sem falhas, enfraquecimentos

e brechas”. O lapso e os atos falhos (gafes, equívocos, hesitações etc.), assim como a metáfora (uma palavra por outra) são constitutivos dos rituais. A ordem do inconsciente, de acordo com Pêcheux, não coincide com a ordem da ideologia, mas isso não quer dizer que esta não deva ser pensada em sua relação com o inconsciente. Também não há identificação entre recalque, assujeitamento e repressão.

O sujeito, nessa perspectiva “é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (Henry, 1992, p. 188-189). Trata-se de uma relação de assujeitamento a uma dada posição ideológica no interior de práticas discursivas que se realizam em diferentes instâncias sociais, sejam elas de caráter político, religioso, cultural ou jurídico. Cada uma delas delimita os próprios rituais que circunscrevem as práticas discursivas.

Os estudos da linguagem humana permeiam os fundamentos da psicanálise. A partir dos deslizos, tropeços, os estudos psicanalíticos observam o desejo, a verdade do sujeito – “é na linguagem que o inconsciente se representa” (Mariani; Magalhães, 2013, p. 106). Lacan propõe uma releitura dos trabalhos de Freud, introduzindo “a linguística como disciplina de vanguarda que teria um papel de guia” no processo de observar esses tropeços da linguagem. (Mariani; Magalhães, 2013, p. 108).

Segundo as autoras (2013), em *A instância da letra ou a razão desde Freud* (1957), Lacan retoma o pensamento saussuriano sobre significado e significante, modificando-o. Para Lacan, o Significante está sobre o significado, separado em duas etapas pela barra. E a barra *barra*, ou seja, separa, privilegiando o significante sob o significado. Assim como Saussure, Lacan entende que o significante

não tem significado, é pura diferença e estrutura-se conforme leis de uma ordem fechada. Mas, diferente de Saussure, para Lacan, não há significantes presos a significados, mas há movimentos de deslizamento dos significantes, nomeados como metonímia e metáfora.

Pela metonímia, há conexões entre significantes, onde significações remetem a outras que não são evidentes para o sujeito que fala. Na metáfora, há substituições de um significante por outro, mas não sem fundamento. Elas não são aleatórias e, assim como as metonímias, portam algo da verdade do sujeito. Lacan (1983, p. 24) citado por Mariani e Magalhães (2013), afirma que “a linguagem é condição do inconsciente [...] não há inconsciente sem linguagem”. E quando se fala em sujeito na psicanálise, fala-se do sujeito do inconsciente, esse Outro estranho que nos habita e que nos leva a tropeçar na língua.

Uma das formas que o conceito de discurso é definido por Lacan, de acordo com Mariani e Magalhães (2013), é como o que articula língua e linguagem na constituição do sujeito do inconsciente. Ainda mais, o inconsciente é o discurso do Outro, discurso que circula e que antecede a constituição do sujeito. Clement (1975b, p. 51) citado por Authier-Revuz (2004, p. 64), afirma que

O Outro é o lugar estranho, de onde emana todo discurso: lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda subjetividade; dizer que o inconsciente é o discurso do Outro é reafirmar, de maneira determinista, que um discurso livre não existe e é dar-lhe a lei. (grifos da autora)

Ao enunciar, o sujeito se enuncia, cria uma representação de si e do outro, está preso a uma rede de significantes. É no espaço vazio do discurso que o indivíduo se constitui como sujeito e é só na condição de sujeito que estamos no discurso. Na relação de alteridade, o sujeito se constitui e constrói seu discurso. Desse modo, o discurso, assim como o sujeito, é atravessado pelo outro. O sujeito do inconsciente, sujeito como efeito da linguagem, é o ponto fundamental para a análise do discurso e, conforme nos lembra Authier-Revuz (2004), a linguagem é a condição do inconsciente.

Em seus estudos sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso, a autora reforça a ideia de que “não há um discurso do inconsciente”. O que ocorre, segundo ela, é que o inconsciente age no discurso (p. 52), pois “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do outro.’” (Authier-Revuz, 2004, p. 69). Ainda de acordo com a autora, o outro é constitutivo do dizer, não diz respeito a algo exterior, um objeto do qual se fala, mas uma condição para que se fale e o sujeito que diz não é a fonte primeira desse dizer.

O Outro é a força que produz o assujeitamento. Uma parte fala e uma parte existe, e se colocam como outras de si mesmas. Mas, o sujeito não se vê dividido e, segundo a Teoria Psicanalítica, a completude se dá por uma operação imaginária. A única coisa que nega essa completude é o inconsciente, que desconhecemos e negamos.

O sujeito está à mercê das informações que o atravessam e ele é dividido entre o “eu” e o inconsciente. Essa divisão se dá na linguagem, pois “se não fala (se não se comunica), o sujeito não existe. Mas quanto mais fala, mais se mostra como é: dividido” (Bucci, 2021, p. 284). Em um mesmo ato, a linguagem constitui e divide o sujeito porque ele se assujeita a ela para se constituir e nesse instante ele se divide.

Bucci, ao retomar Lacan, discorre sobre os conceitos de Simbólico, de Imaginário e de Real, formando uma triangulação que nunca se separa. A primeira ordem, do Simbólico, é uma face da linguagem “onde se assentam os significantes”, sejam visuais, sonoros ou escritos, que representam uma ideia. Já a ordem do Imaginário corresponde aos significados, “são as ideias que fazemos desses objetos, que passam a ser identificáveis e nomeáveis graças à linguagem” (Bucci, 2021, p. 298). A relação que se estabelece entre significado e significante se dá por deslizos, não são fixas e podem sempre vir a ser outra.

O próprio sujeito, ao se constituir na linguagem, entrará na ordem do Simbólico como um significante. A incompletude e a falta do sujeito lhe moverão em busca do significado. Para Bucci (2021, p. 303),

Significante à deriva, o sujeito anda atrás de uma significação, de algo de onde retire o significado que lhe falta. Em sua comunicação (linguagem), é o que busca todo o tempo. Os significados virão pelo caminho, uns grudarão mais, outros menos, e logo o deslizamento recomeça.

A mediação entre o sujeito significante e o seu significado se dá na Ordem do Imaginário. Assim, a operação imaginária confere sentido que acopla significado e significante, dando a sensação de completude ao sujeito. Mas, quando o sujeito fala sobre si, seu discurso mostra as idas e vindas do movimento de “aderência que se ensaia e não se consuma entre significante e significado” (Bucci, 2021, p. 306).

O sujeito constrói completudes imaginárias sobre si, sobre o outro, sobre os enunciados que só se operam na Ordem do Imaginário.

O processo que o sujeito estabelece um significado para si parte de um equívoco porque ele “não ‘é’ nem tem como ‘ser’ o significado que diz ‘ter’” (Bucci, 2021, 306). Esse equívoco é relação necessária e é o que dá significado ao sujeito.

Ferreira (2010), ao pensar o sujeito na análise do discurso, substituirá a tríade de Lacan por um nó borromeano que simboliza o sujeito nesse lugar entrelaçado pela linguagem, pela ideologia e pelo inconsciente. De ordens diferentes, cada uma estabelecerá um furo, sendo o sujeito um “*ser-em-falta*: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise.” (Ferreira, 2010, s. p.). O desafio que a análise do discurso encontra é pensar, de um lado, o sujeito assujeitado pela ideologia, pelas relações sociais e a luta de classes e, de outro lado, o sujeito desejante, faltante. A tensão, assim, está presente seja na teoria, seja na análise, movimentando sujeitos e sentidos, podendo vir a ser outro ou ser dito de outra forma.

Nessa tensão, trabalharemos com a noção de Superindústria do Imaginário que, segundo Bucci (2021, p. 310), é o “monopólio do capital sobre o Imaginário, nada menos que isso”. Para ele, a falta do sujeito que é preenchida pelo Imaginário, na Superindústria do Imaginário é suprida por signos fabricados industrialmente. As relações, que só se realizam e se consumam entre sujeitos, passam a ser mediadas por imagens que apagam contradições. Para entender como o capital se apropriou da operação imaginária, precisamos situar as relações de poder e as condições de produção de nossa formação social.

Segundo Pêcheux (2015, p. 252), falar das coisas como se fossem transparentes e sem qualquer ambiguidade “é desconsiderar totalmente a constituição essencialmente ideológica do discurso

e do sentido”. Dessa forma, é necessário considerar as condições de produção que propiciam que certos sentidos signifiquem/dominem em determinadas conjunturas.

Disputa de sentidos: atravessamento das relações de poder

Michel Foucault foi uma influência importante para a análise de discurso, principalmente no que diz respeito à noção de formação de discursiva e das relações de saber e poder. Foucault retoma os estudos da psicanálise e da história para discutir a relação objeto de desejo/objeto de que os sujeitos querem se apoderar. Desejo e poder orientam as produções discursivas em diferentes acontecimentos.

Para o autor, a verdade não é ou está (n)isso ou (n)aquilo, desde sempre e para sempre, mas foi e continuará sendo produzida e efetivada a partir de jogos de relações sociais, políticas, jurídicas, religiosas e históricas, permeadas pelo elemento poder. Toda forma de se posicionar discursivamente implica em uma necessidade de correlacionar o que é dito como verdade. Para Foucault (2005, p. 20),

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la.

A vontade de verdade, de acordo com o autor, é ignorada ao ser confrontada com uma verdade controlada, delimitada e validada por grupos de controle que se instauram em diferentes instâncias

da sociedade. Trata-se de uma verdade rica e fecunda que exerce poder de controle e interdição daquilo que foge aos padrões estabelecidos socialmente. A vontade de verdade é imposta como verdade absoluta e, muitas vezes, não encontra resistência, pois delimita os sentidos possíveis, validando o que é aceitável e descartando o não aceitável como não legítimo.

O efeito de sentido diz respeito às diferentes possibilidades de significação que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual está inscrito e (re)produzido. Construídos nas formações discursivas e fruto dos efeitos da memória, os sentidos são condicionados por meio de um efeito ideológico que provoca no gesto de interpretação a ilusão de que um enunciado quer dizer o que está realmente dizendo (sentido literal).

Assim, o sentido e a verdade não estão relacionados à informação, mas a um processo material de construção determinado sócio-histórico-ideologicamente. O que é dito em uma dada prática discursiva traz em si a materialidade do processo de significação e da constituição do sentido e do sujeito. O sentido literal já é um efeito de sentido construído no uso da linguagem justamente nos espaços de disputa pela palavra e pela verdade, no confronto de sentidos e sujeitos.

A incompletude é uma condição para a linguagem fazer sentido. Ela (a linguagem) e a sua materialidade linguística (a língua) não são transparentes e os sentidos não são os conteúdos. Segundo Orlandi (2015, p. 47), “para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante”.

No processo de produção textual, há um apagamento necessário, pois os sentidos não só retornam, mas também se projetam em (re)significações. O discurso é incompleto assim como são

incompletos os sujeitos e os sentidos. Para Orlandi (2011, p. 162), “a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder na/da linguagem”.

Na conjuntura atual, “o capital já deu provas suficientes de que não é ferramenta a serviço do homem, mas uma finalidade em si e para si, capaz de requisitar sujeitos (tornados objetos) para se reproduzir” (Bucci, 2021, p. 282). A formação social do capitalismo produz efeitos na constituição de sentidos e de sujeitos. Estudos recentes apontam para o neoliberalismo na constituição de subjetividades. Segundo Bonança (2020), o neoliberalismo atravessa relações não só econômicas, mas também alcançam as relações sociais, perpassando por diversos discursos. De acordo com a autora (Bonança, 2020), podemos pensar o neoliberalismo como uma formação ideológica que se estende às práticas sociais.

O neoliberalismo se constitui como um mecanismo que se justifica mesmo sem ganhar algo em troca. Segundo Zizek (2014, p. 79), “o fato de o capitalismo não ser ‘justo’ constitui um dos traços fundamentais daquilo que o torna aceitável para a maioria”. Isso implica dizer que o sujeito prefere a perda do adversário, mesmo que isso signifique que o próprio sujeito perderá também, que ver o ganho do outro.

A individualização, o ideal de sucesso, a máxima “fé, força e foco” seriam algumas das ideias neoliberais dispersas nas igrejas, escolas, nas administrações públicas... contribuindo para dispersar a posição-sujeito neoliberal e, ao mesmo tempo, ressignificar outras posições-sujeitos a partir da racionalidade neoliberal. (BONANÇA, 2020, p. 59)

Esses ideais têm sido disseminados em diferentes instâncias da sociedade (como a igreja, a família etc.), com destaque para as mídias sociais, dado o alcance e a rapidez com que as mensagens são veiculadas. No contexto deste trabalho, trataremos especificamente de discursos produzidos pela extrema-direita nessas mídias. Miguel (2018, p. 19) afirma que o termo direita “precisa ser relativizado”, pois há confluência de ideias de grupos diversos e as instâncias mais extremadas abarcam três vertentes principais, “que são o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo comunismo”. Nos três eixos que compõem a nova direita, há o atravessamento do capital e do livre mercado e “o discurso renovado da meritocracia veio a calhar sobretudo para as classes médias, que se viam às voltas com seu eterno receio de perder a diferença em relação aos mais pobres” (Miguel, 2018, p. 23).

Baseando-se no discurso meritocrático, a lógica capitalista influencia a visão da classe média que acredita serem os programas de inclusão social e os movimentos sociais, como o MST – para tratar do *corpus* da nossa análise –, a retirada de seus direitos conquistados por “esforço” e “trabalho duro”. Para Pêcheux (2015, p. 272), “a história, mais especificamente a luta de classes, não é nem uma pessoa nem uma coisa. As contradições da luta de classes atravessam e organizam o discurso sem nunca serem claramente resolvidas”. Nesse sentido, cabe interrogar os sentidos que vão se cristalizando em uma luta de poder pela linguagem e as posições que os sujeitos assumem para disseminar certos discursos. Atravessar o texto para compreender o funcionamento discursivo que sustenta materialidades linguísticas é o que será feito a seguir.

Discursos de ódio e de exclusão nas mídias sociais

Conforme dito anteriormente, neste estudo analisaremos a falha como constitutiva do sentido e do sujeito, mostrando como a falha, o equívoco que constitui o sujeito movimenta-o na busca pelo sentido. Nesse movimento, o sujeito constrói o sentido ao se construir como ser no mundo, ser de linguagem e ser ideológico.

A publicação a seguir foi retirada de uma página de divulgação que apoia o ex-presidente Jair Bolsonaro. A postagem é datada de 04/05/23, momento político brasileiro marcado pela instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e os comentários que a seguem se referem a essa mesma postagem.



Imagem 1

Fonte: página do Facebook

Na linguagem verbal, a argumentação estabelecida pode (ou não) acontecer a partir das estratégias discursivas que o sujeito mobiliza para construir sentidos, e isso ocorre também com as imagens. Essas, pela própria natureza, tendem a despertar sentimentos, causar emoções e a manipulação de seus elementos pode gerar discurso de ódio.

A imagem atrai a atenção e condensa sentidos em uma representação que tenta apagar as contradições e a historicidade que permitem chegar a um determinado sentido. Dessa forma, “as imagens são o oposto da argumentação racional. Existiria nelas um potencial de inviabilizar as mediações que possibilitam o entendimento dialogado entre as pessoas” (BUCCI, 2021, p. 238).

Ao analisarmos a imagem 1, verificamos que o discurso que sustenta a sua produção traz dizeres de exclusão do sujeito por meio do uso da violência que sugere a garantia de um certo sentido de liberdade e de segurança por quem o enuncia. Embora, em um primeiro momento, possamos dizer que se trata de um aviso a qualquer sujeito que adentrar à propriedade sem ser convidado, a violência tem um alvo específico construído historicamente: o Movimento dos Sem Terra (MST), conforme será apresentado a seguir por meio dos comentários que seguem à publicação. O MST é um movimento minorizado, que busca por emancipação econômica e social, e é construído discursivamente na mensagem como “invasores” e “vândalos”.

A liberdade que o dizer procura construir é a liberdade de (poder) matar o outro em nome de uma segurança. Os conceitos de propriedade privada, de liberdade e de segurança estão na base das ideias e dos valores propagados pelo discurso neoliberal. Esse tipo de discurso afirma, por exemplo, que “o trabalho dignifica o homem”, “a conquista é resultado de muito esforço e trabalho”, e

apaga as condições reais de trabalho e das relações sociais estabelecidas no Brasil.

Em um estudo feito por Solano (2018), um dos pontos de quem se identifica com o ex-presidente é o tema da segurança pública e do modo como essa questão é tratada por ele. Segundo a autora, “o medo é um sentimento profundamente humano e deve ser entendido. Para explorar o medo, porém, precisamos de um inimigo. A criação do inimigo é uma ferramenta política muito aceitável em momentos de crises.” (Solano, 2018, p. 12)

Para preencher os significantes vazios que começam a circular neste contexto de instabilidade, constrói-se uma cadeia de equivalentes que passam a representar as dinâmicas sociais: “o inimigo, o vagabundo, que pode ser o estrangeiro, o imigrante, o jihadista, o comunista ou pode ser o inimigo interno, o jovem negro favelado, o corrupto” (Solano, 2018, p. 12). Essa manobra feita na tentativa de manter apoiadores coesos e simpatizantes de determinados ideais provoca uma individualidade coletiva, ou seja, ainda que os sujeitos, que concordam com certa representação de inimigo construída em conjunto, a resposta para o problema é individualizada.

O sentido construído em torno da ideia de segurança joga com os significantes de invasores e sobreviventes. Dito de outra forma, se o sobrevivente for um invasor, ele não merece viver. A violência é instituída e validada em nome de certa segurança: a segurança de manter a propriedade privada, o direito à posse da terra por parte de quem é dono dela, ainda que se trate de terra improdutiva. O desejo de liberdade e de segurança são sentimentos existentes e que caracterizam o sujeito. Em sua falta constitutiva, e na busca do preenchimento dessa falta, ou seja, a busca de acoplar um significado aos significantes de liberdade e de segurança, o sujeito estabelece,

pela operação imaginária, o sentido fabricado industrialmente na perspectiva que estamos adotando.

A Superindústria do Imaginário aprendeu a fabricar os desejos do sujeito e depois entregar o produto que irá lhe dar a sensação de completude. Liberdade e segurança encontram-se atreladas a bens materiais como propriedade privada e armamento da população. A sensação de completude do sujeito é ter a liberdade de defender “o que é seu” da forma que lhe for conveniente. O discurso de ódio e de exclusão do outro é legitimado pela defesa da propriedade privada. Para defender a posse da terra vale qualquer coisa, inclusive matar o invasor.

No capitalismo, a mercadoria sem corpo físico palpável, ou seja, os signos, sejam imagens ou palavras, ganhou destaque, em que “o capital aprendeu a fabricar discursos” (2021, p. 21). Os sentidos, agora fixados aos signos pelo olhar social, constitui a Superindústria do Imaginário que, “impregnados de valor de troca, esses produtos atravessam a imaginação das pessoas. Por meio disso, o capital avança sobre as subjetividades e sobre as subjetivações” (Bucci, 2021, p. 24).

A imagem 1 mobiliza sentidos de violência física e que são visualmente perceptíveis pela composição de dizeres, da cor vermelha e do símbolo de arma. O vermelho é também utilizado pelo MST, juntamente com o branco, o verde e o preto, cada cor com uma simbologia específica para o movimento. No lugar da arma de fogo, o movimento utiliza o facão, pois é a ferramenta de trabalho e também caracteriza um símbolo de resistência. A ideologia materializada por meio do discurso estabelece a relação dos sujeitos com as condições de existência deles (Orlandi, 1994). O outro, nesse caso, encontra-se em uma posição oposta e, portanto, pode se configurar como uma ameaça à ideologia propagada.

O ódio materializado por meio dos dizeres que compõem a Imagem 1 também se encontra materializado em discursos mais sutis que, de forma mais ou menos velada, constitui uma violência simbólica. Isso pode ser observado a partir dos comentários abaixo feitos no post da imagem:

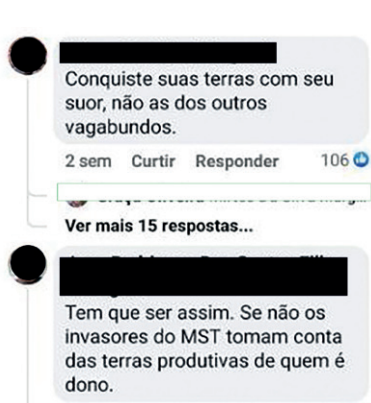


Imagem 3

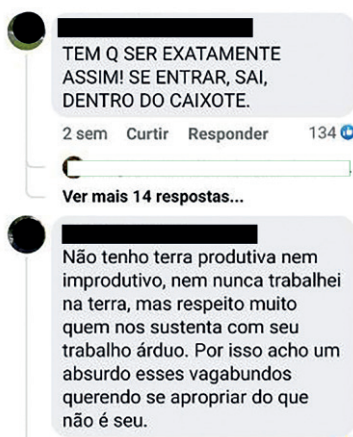


Imagem 4

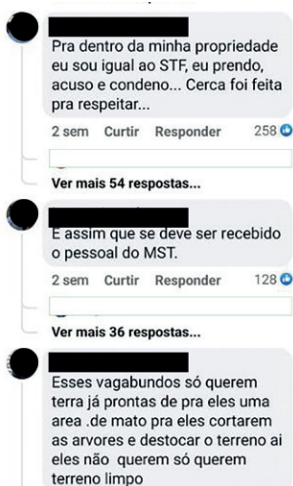


Imagem 5



Imagem 6

Fonte: página do Facebook

A partir dos comentários feitos sobre a imagem, percebemos que a formação imaginária que se constrói do MST é que são “vagabundos”, “invasores” e “vândalos”. Essas imagens remontam a uma memória discursiva que trata qualquer luta por direitos sociais como manifestações comunistas. A evocação do comunismo como um regime que cerceia a liberdade de ir e vir e o direito à propriedade particular projetam o MST como um inimigo da democracia. O discurso de ódio ao MST é alimentado pelo discurso de ódio que grupos de extrema direita disseminam sobre a esquerda. A esquerda tem sido retratada por grupos religiosos extremistas como defensora de “bandidos”, destruidora da família, antipatriota, contrária ao cristianismo, disseminadora de ideologia de gênero. A direita, ao contrário, se autorretrata como defensora da moral e dos bons costumes por meio da máxima “Deus, pátria e a família”.

Podemos dizer que o Movimento dos Sem Terra (MST) passa a ser construído como um significado que preencherá o significativo vazio de inimigo. O ódio é materializado nos dizeres “*Tem q ser exatamente assim! Se entrar, sai, dentro do caixote*” (Imagem 4), “*Pra dentro da minha propriedade eu sou igual ao STF, eu prendo, acuso e condeno... Cerca foi feita pra respeitar...*”, “*É assim que se deve ser recebido o pessoal do MST*” (Imagem 5), “*Cada um se protege como pode, estão certíssimo*”, “*Infelizmente tem que ser assim porque a maioria deste invasores são vândalos para não dizer um palavrão*” e “*O aviso tá ali azar de quem entra*” (Imagem 6).

Na imagem do post, Imagem 1, não há nenhuma indicação direta que está se referindo ao MST, porém é preciso lembrar de que “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas” (Orlandi, 2015, p. 40). Logo, o processo discursivo que sustenta o sentido construído na e por meio da mensagem

retoma a memória discursiva do já-dito sobre o MST e o discurso dominante que prevalece sobre o movimento é o discurso da direita e da extrema-direita.

Acreditamos que a força que o discurso da extrema-direita promove na constituição da representação negativa do MST se dá pelo atravessamento do discurso meritocrático, que podemos observar em *“Conquiste suas terras com seu suor, não a dos outros vagabundos”*, *“Tem que ser assim. Se não os invasores do MST tomam conta das terras produtivas de que é dono”* (Imagem 3), *“Não tenho terra produtiva nem improdutivo, nem nunca trabalhei na terra, mas respeito muito quem nos sustenta com seu trabalho árduo. Por isso, acho um absurdo esses vagabundos querendo se apropriar do que não é seu”* (Imagem 4), *“Esses vagabundos só querem terra já prontas de pra eles uma área de mato pra eles cortarem as arvores e destacar o terreno ai eles não querem só querem terreno limpo”* (Imagem 5), *“Fez muito bem. Temos que lutar pelo que é nosso”* (Imagem 6).

Vemos que há uma ideia de individualização do sujeito e a defesa de “esforço” e “trabalho árduo” como sinônimo de sucesso. Nos dizeres acima, há também associação de *“esses vagabundos só querem terra já prontas... só querem terreno limpo”* com a concepção de “preguiçosos”. Solano (2018, p. 19) ressalta que o movimento negro, feminismo e movimento LGBTQIA+, na visão dos apoiadores do ex-presidente, “são grupos que sofrem preconceito, sim, mas estão abusando de seus direitos”. Segundo os simpatizantes do governo passado, esses grupos se vitimizam como forma de conseguir regalias que não estariam acessíveis a quem não pertence à minoria.

A falha constitutiva do dizer pode ser exemplificada na seguinte mensagem: *“esses vagabundos só querem terra já prontas... só querem terreno limpo”*. Nesse caso, o sujeito que enuncia, como

não é o dono do sentido, pode ter seu dizer interpretado da seguinte maneira: o MST, em vez de ocupar matas nativas, terras que não foram exploradas, querem ocupar terras que foram desmatadas, limpas e demarcadas por seus proprietários. A memória histórica da propriedade da terra no Brasil nos remonta à ideia de grilagem de terras. Nessa perspectiva, pode-se dizer que cabe ao MST ocupar terras “não prontas”, terrenos “não limpos”. Cabe ao MST praticar grilagem de terras, fazer seus assentamentos em florestas ou áreas de mata nativa.

Pensando o MST como parte das lutas coletivas, o movimento passa a ser construído a partir de uma cadeia de equivalentes que procura igualá-lo aos demais grupos minoritários e, por isso mesmo, marginalizados, também pertencentes a um coletivo de “mimimi”. Colocado ao lado de outros movimentos, o discurso da meritocracia produzirá o sentido de luta por direitos como privação da liberdade e da segurança de *“quem nos sustenta com seu trabalho árduo”* (Imagem 4).

Podemos dizer que os significantes de liberdade e de segurança têm um sentido construído a partir da formação social capitalista e esses significados são retomados no discurso. Os significados, agora fabricados industrialmente, passam a constituir e se materializar no discurso que legitima o ódio ao outro em prol da meritocracia. Nesse sentido, objetiva-se apagar contradições e resistências daqueles que acreditam haver outras possibilidades de existir. Como dito por Pêcheux (2014, p. 281), “não há dominação sem resistência [...] é preciso ‘ousar se revoltar’” e “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja [...] é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”.

Considerações finais

Neste estudo, procuramos, por meio da articulação entre a análise do discurso materialista – principalmente no que diz respeito à relação entre sujeito, inconsciente, discurso e ideologia – e a Superindústria do Imaginário, apresentar uma reflexão sobre a falha como constitutiva do sujeito. Ao enunciar, o sujeito evoca discursos com os quais se identifica por um processo de ilusão imaginária de ser a fonte das ideias que dissemina. Tais ideias, contudo, são fruto de sua relação com o meio em que vive, pois o próprio sujeito é efeito da linguagem, se situa no tempo e no espaço e enuncia de uma dada posição discursiva.

Ao enunciar algo, o sujeito o faz de uma posição legitimada socialmente e situa o outro também em uma posição. Nessa relação, o outro, quando não compactua os mesmos interesses de quem diz, muitas vezes, é tratado como inimigo. Ambos se encontram inseridos em uma conjuntura social que tende ao extremismo financiado pela Superindústria do Imaginário. A ideologia funciona como relação necessária entre linguagem e mundo e se encontra ligada materialmente à noção de inconsciente. Inconsciente e ideologia dissimulam sua existência no interior do próprio funcionamento do discurso, produzindo evidências subjetivas nas quais se constitui o sujeito.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci B. Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- BONANÇA, R. N. *Discurso neoliberal e gênero: uma análise do discurso empresarial*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2020.
- BUCCI, E. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28636. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- MARIANI, B.; MAGALHÃES, B. Lacan. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, E. S. *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. _____. (Org.). *Cadernos de Estudos Linguísticos: História das Ideias Linguísticas*, Campinas, n. 42, p. 21-40, 2002.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2015.
- _____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.973. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 10 fev. 2024.

- _____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Revista Em Aberto*, Brasília, v. 14, n. 61, p. 52-59, 1994: Educação e imaginário social: revendo a escola. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- _____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *RUA*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 35-47, 2005. DOI: 10.20396/rua.v1i1.8638914. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Tradução de Eni Orlandi, Lourenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz G. Corrêa, Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- _____. As massas populares são um objeto inanimado? (1978) In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- SOLANO, E. Crise da democracia e extremismos de direita. *ANÁLISE*, Friedrich-Ebert-Stiftung (FES), Brasil, n. 42, p. 1-28, 2018. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ZIZEK, S. *Violência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

